

# “Enterrem meu coração sob o viaduto”

A Nobre Arte e o *bairro negro* de São Paulo<sup>1</sup>

Michel de Paula Soares

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / USP  
Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana / USP

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Urbana; Etnografia; Boxe.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

O ringue

*Seis haitianos foram baleados em dois ataques diferentes na Baixada do Glicério, no centro de São Paulo, na sábado passado (01/08/15). Os feridos foram internados no Hospital Tatuapé, na zona leste da capital. A suspeita é que o crime tenha sido motivado por xenofobia<sup>2</sup>.*

O assunto foi pauta de uma rápida conversa, na terça-feira da semana seguinte ao ocorrido, entre os alunos de João Batista, vulgo JB. Enquanto calçava suas luvas, o haitiano Patrick esboçou um sorriso, buscando descontraí-lo, assim como a seus companheiros de treino. “Ainda bem que eu estava trabalhando”, concluiu, em um português recheado de sotaque, antes de virar as costas e preparar-se para o aquecimento. Estou na *Underground Boxing*, uma *academia*<sup>3</sup> de boxe instalada em baixo do Viaduto do Glicério (Complexo Viário Evaristo Comolatti), no bairro da Liberdade, região central da cidade de São Paulo. Trata-se de minha segunda aula com o grupo. Já havia treinado boxe durante alguns meses, em 2011, mas após um longo período de sedentarismo e a conseqüente falta de preparo físico, sinto-me (e comporto-me) como um verdadeiro iniciante. Insisto na conversa: “você não tem medo?”. JB interrompe, antes do haitiano responder, com receio de que a conversa se prolongasse: “Aqui é o lugar de perder o medo!”.

Além de Patrick, outros dois estrangeiros faziam parte da turma naquela noite da terça-feira. Um jovem boliviano e um calado africano, cujo país de origem ainda não consegui identificar. Além de nós quatro, completavam o grupo mais sete pessoas, sendo duas garotas e cinco homens, todos jovens. A *academia* existe há sete anos. Uma

---

<sup>2</sup>Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/41277/seis+imigrantes+haitianos+sao+baleados+na+regiao+central+de+sao+paulo.shtml>

<sup>3</sup> Utilizo a denominação *academia* provisoriamente, na falta de uma mais apropriada, visto que o local não é chamado dessa maneira por meus interlocutores, devido, creio eu, a suas diferenças estruturais com relação a uma academia propriamente dita.

de suas paredes (pilastra do viaduto) expõe um quadro com a autorização da Federação Paulista de Boxe para o funcionamento da academia, além de diversas fotos de atletas em ação. O espaço é limpo e organizado, todo construído com equipamentos doados, além de outros improvisados, como pneus velhos e carcaças de geladeira. A ideia inicial foi do ex-pugilista Nilson Garrido<sup>4</sup>, que montou a primeira academia em baixo do viaduto Alcântara Machado, no bairro da Mooca, em 2005. “Eu tenho o sonho de levar lazer, cultura e esporte para todos os viadutos. São lugares tristes que podem ser transformados em algo positivo”<sup>5</sup>, diz o próprio Garrido. A *academia* do Glicério é o segundo equipamento de seu projeto. JB, o professor, um negro de quase dois metros de altura na faixa dos quarenta anos, foi um dos primeiros alunos de Garrido, há exatos dez anos. Sua trajetória de vida, contada brevemente em uma conversa particular que tivemos, revela uma cartografia da marginalidade na cidade de São Paulo: foi morar na rua ainda criança, após a morte prematura da mãe, virando trombadinha na Praça da Sé, sendo recolhido à FEBEM, onde viveu até os dezessete anos; depois virou bandido, fazendo “saidinha de banco” na região da Praça da República. Capturado, passou doze anos preso, estando, inclusive, no pavilhão nove do Carandiru (antiga Casa de Detenção de São Paulo) durante o massacre de 1992. “Sou um sobrevivente”, conta, com certo orgulho. Em liberdade, visitou a *academia* de Garrido e se ofereceu para ajudá-lo em troca de um lugar para dormir, já que “sempre fui bom de briga”. Destacou-se como atleta, tornando-se braço direito de Garrido, assumindo, assim, o posto de professor na Baixada do Glicério, também local de moradia, já que construiu, ali embaixo do viaduto, sua própria casa.

---

<sup>4</sup> Autor da expressão que dá título ao presente trabalho.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/58729-desassossego-criativo.shtml>.

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.diariosp.com.br/blog/detalhe/28764/boxe-embaixo-de-viaduto-em-sp-completa-10-anos>

## O bairro negro

A Baixada do Glicério não é, administrativamente, um bairro (apesar de ser comum encontrarmos o nome Bairro do Glicério em matérias jornalísticas), mas sim uma região entre os bairros da Liberdade e do Cambuci, tendo como referência principal a própria Rua do Glicério. Podemos entender o *bairro do Glicério* como uma *região moral* produzido no diálogo entre seus habitantes e a estigmatização exógena. Conforme observou Graça Cordeiro,

o bairro não é um assunto apenas produzido endogenamente, é um assunto que resulta de uma negociação entre um “dentro” e um “fora” e que nem se consegue situar bem por vezes quem está dentro e quem está fora, pois ele é objeto de múltiplas apropriações, por vezes contraditórias, mas que se vão, digamos, contaminando (Cordeiro, 2014, p.453).

Para Daniel de Lucca, “o Glicério pode ser entendido como mais um daqueles lugares difíceis de descrever e de pensar devido a sua centralidade em certos discursos midiáticos e de poder (...), reconhecido pelas autoridades municipais como um *bairro problema*” (De Lucca, 2007, p.194). Desde o início de 2010 a região passou a abrigar um número crescente de imigrantes e refugiados, principalmente haitianos e africanos de diversas localidades, mas também sírios e bolivianos, passando a ser chamada de *bairro negro*<sup>6</sup> de São Paulo. A alta concentração de edifícios de pequenos apartamentos (quitinetes), conjuntos residenciais com vários domicílios (cortiços) e pensões, além da localização privilegiada, próximo ao centro da cidade, contando com infraestrutura, equipamentos e serviços, são alguns dos motivos para a alta demanda de populações de

---

<sup>6</sup> Denominação que pode ser interpretada a partir de um duplo sentido: *negro* devido à origem étnica de seus habitantes estrangeiros (haitianos, angolanos, malineses, congolese, bolivianos, entre outros), assim como sua conotação pejorativa, simbolizando um lugar obscuro, sombrio, fúnebre, tenebroso. Vale lembrar que o Glicério possui um grande adensamento de moradores de rua, além de cooperativas de catadores de papel e reciclagem. Fontes: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/34671-bairro-negro>; <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1624794-com-igrejas-bilingues-e-lojas-tipicas-haitianos-mudam-a-cara-do-glicerio.shtml>; <http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/igrejas-bilingues-sao-abertas-para-haitianos-em-bairro-de-sp.html>.

baixa renda, incluindo os imigrantes, tornando-o uma localidade etnicamente heterogênea, com diversas “culturas” e idiomas convivendo espacialmente próximas. Vale lembrar que a região é alvo de um plano de *requalificação e revitalização* por parte do poder público – aliado a interesses privados. Contudo, características estruturais acabam por travar o processo de gentrificação do Glicério<sup>7</sup>.

As recentes crises migratórias e suas frequentes tragédias noticiadas em diversas partes do mundo têm chamado atenção da comunidade mundial para a questão da migração, incentivando diversas nações a reverem suas políticas de integração das populações estrangeiras. Nos últimos anos, a cidade de São Paulo se consolidou como principal destino de populações provenientes de diversos países. Desde 2013, o número de refugiados dobrou na capital<sup>8</sup>. Há uma estimativa de que haja 600 mil imigrantes habitando a cidade<sup>9</sup>. Setores conservadores da sociedade tendem a “apresentar os estrangeiros como a causa dos problemas que estas sociedades enfrentam e, em muitos casos, como um fator de desintegração e descaracterização da população *originária*” (Bálsamo, 2007, p.217), resultando em ataques criminosos, como o relatado na introdução do presente trabalho.

Desta maneira, a *academia* de boxe se apresenta como local privilegiado para entrar em contato com os imigrantes e refugiados habitantes da Baixada do Glicério, podendo assim compreender os processos de inserção destas populações em redes de sociabilidade, além de refletir sobre os usos do tempo e as táticas<sup>10</sup> sociais que permitem a estes interlocutores habitarem a cidade. Assim, um enfoque antropológico sobre esta região estigmatizada da cidade pode ser de fundamental importância para a

---

<sup>7</sup> Fonte: [http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg\\_online/tr/091/a021.html](http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/091/a021.html)

<sup>8</sup> Fonte: <http://tab.uol.com.br/refugiados/>

<sup>9</sup> Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1579103-nova-onda-de-imigracao-atrai-para-sao-paulo-latino-americanos-e-africanos.shtml>

<sup>10</sup> *Tática* é uma categoria utilizada por Michel de Certeau (1994, pág.46) em sua obra *A Invenção do Cotidiano* para designar as muitas práticas cotidianas, pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcia de caçadores, que “manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula”.

ampliação e efetivação das políticas e direitos sociais de seus habitantes, imigrantes ou não. Esse conhecimento pode contribuir para que as políticas, desenvolvidas em instituições privadas e públicas, atinjam a diversidade de contextos sociais e econômicos existentes na região.

### Sobre o boxe, ou, dialogando com Wacquant

A etnografia do sociólogo francês Loïc Wacquant em uma academia de boxe, localizada em uma comunidade afro-americana de baixa renda na cidade de Chicago, é a principal referência para qualquer pesquisa acadêmica que pretenda refletir sobre a prática sócio-esportiva do boxe. Partindo da clássica obra de Marcel Mauss (2003)<sup>11</sup> e do conceito de *habitus* apresentado por este, o autor propõe uma abordagem inovadora sobre as técnicas do corpo, além tratar o tema da segregação socioespacial, buscando atualizar o conceito de *gueto*, elaborado pela Escola de Chicago. Porém, conforme salientou Heitor Frúgoli Jr.,

embora em outro artigo Wacquant ressalte que os guetos, tais como o estudado, são marcados por uma racionalidade local e regular, opondo-se às visões de desorganização atribuídas aos mesmos (visão essa também combatida pelos estudos da Escola de Chicago), em sua abordagem sobre a academia de boxe, tendia a apresentar tal espaço como de uma “ordem” que se opunha, de certo modo, à “desordem” do bairro (Frúgoli Jr., 2007, p.33)

---

<sup>11</sup> *As Técnicas do Corpo*, publicado originalmente em 1935, são “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (Mauss, 2003, p.401). Ressaltando a proeminência da educação e do social sobre a ordenação e uso do corpo, ou seja, tratando o corpo como síntese da “cultura”, o autor acabou por fundar uma Antropologia do Corpo, campo de estudos significativo para o presente projeto, além de influenciar outras áreas do conhecimento. Jocimar Daolio, por exemplo, conclui que “o que define o corpo é seu significado, o fato dele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, não suas semelhanças biológicas universais” (Daolio, 2003, p.69). Os estudos de Foucault (2002) sobre a relação entre corpo e espaço abriram perspectivas importantes para o tema. Para Fabiana Britto e Paola Jacques, “corpo e cidade se configuram mutuamente e, além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos” (Britto; Jacques, 2012, p.144).

Contudo, a presente pesquisa, assim como seu recorte etnográfico, possuem diferenças estruturais e contextuais que permitem dialogar, comparativamente, com a obra de Wacquant. O próprio “fechamento da academia sobre ela mesma (...) constituindo uma ilha de estabilidade e ordem” (Wacquant, 2002, p.44), visto que o ambiente não possuía aberturas físicas (janelas), precisa ser levado em conta, pois, embaixo do viaduto, estamos em pleno fluxo cotidiano da cidade<sup>12</sup>. Em sua origem, o boxe é uma prática sócio-esportiva de proeminência masculina que auxilia na construção e difusão, através das próprias linguagens artísticas<sup>13</sup>, de um conceito de masculinidade. Todavia, contrariando Wacquant, para quem o boxe era “a prototípica instituição masculina do gueto” (Wacquant, 2000, p.127), a presença de mulheres na *Underground Boxing* permite levantar questões de gênero relacionadas à prática como tal.

Seguindo em outra perspectiva, cabe dizer que uma análise superficial poderia considerar o tempo passado na *academia* de boxe como um *uso do tempo livre*, em contraposição com atividades *mais importantes*, reificando a clássica dicotomia trabalho x lazer de Dumazedier (1994; 1999). Contudo, em minhas primeiras incursões a campo, notei que são muitas as formas de nomear o tempo vivido naquele cenário. Desta maneira, buscarei dialogar com alguns autores que propõem uma revisão e relativização do par dicotômico trabalho e tempo livre, como por exemplo, o sociólogo canadense

---

<sup>12</sup> A Baixada do Glicério é um local com intenso trânsito de carros e transeuntes, recortada por viadutos e elevados que conectam a região leste ao centro e às regiões norte e sul da cidade. “Toda essa trama viária que sobrevoa a baixada faz com que o Glicério seja um lugar de passagem para muitos habitantes da cidade, um lugar de passagem que sequer é percebido” (De Lucca, 2007, p.193). Garrido chama seus alunos de boxe de “*guerreiros do viaduto*, o lixo humano que a sociedade faz vista grossa ao passar dentro dos seus carros e ignoram no farol.” (<https://www.youtube.com/watch?v=3QWmycwK4rI>). Uma categoria interessante para pensarmos a Baixada do Glicério é o *Pórtico* (Magnani, 1993): “espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens (...), lugar do perigo, preferido por figuras liminares (...), muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados”.

<sup>13</sup> Vale lembrar que o boxe tem sido um dos esportes mais representados pelas diferentes linguagens artísticas (literatura, cinema, teatro, artes plásticas, fotografia, música, dança, entre outras), “talvez porque suas narrativas, seus personagens e ambientes (confusos, paradoxais, sombrios) sejam muito adequados à elaboração de boas histórias” (Melo & Vaz, 2006, p.143).

Robert Stebbins (2006), que fala sobre um *lazer sério*<sup>14</sup> e o antropólogo britânico Tim Ingold (1995), que propõe a categoria *task-orientation* para analisar atividades e/ou relações sociais com fronteiras indefinidas entre trabalho e lazer.

## A etnografia

A presente pesquisa é realizada através do método etnográfico<sup>15</sup>, por meio do qual realizo uma observação participante como aluno de boxe na *Underground Boxing*, acompanhando e participando dos treinos<sup>16</sup> junto dos demais alunos, compartilhando, assim, os receios, dinâmicas de grupo, formas, circulação de saberes e demais enfrentamentos que permeiam a aprendizagem da técnica do pugilista. Este recorte específico – a *academia* e suas extensões – proporciona a criação de um horizonte relacional propício à utilização do método. De acordo com José Guilherme Magnani, a pesquisa etnográfica é um modo de entrarmos em contato com o

universo dos pesquisados e compartilhar seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2002, p.135).

Trata-se, portanto, não de uma autoetnografia pela qual pretendo descrever minha experiência pessoal, mas sim de colocar meu próprio corpo em campo como ferramenta de investigação. Dessa maneira, minha inserção na *academia* como aprendiz

---

<sup>14</sup> Definido como “prática sistemática de uma atividade central por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora, que em casos típicos, lança-lhes numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência” (Oliveira; Doll, 2014).

<sup>15</sup> Mais precisamente através da *prática etnográfica*, em contraposição à *experiência etnográfica*. “Enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista” (Magnani, 2009, p. 136).

<sup>16</sup> Os treinos coletivos, orientados por João Batista, ocorrem de segunda à quinta, das 18h30min às 20h30min. Alguns praticantes frequentam a *academia* em outros horários, mas de forma esporádica.



de boxe busca seguir os demais praticantes em suas redes ampliadas de sociabilidade pela cidade, adquirindo, portanto, um caráter multilocalizado (Marcus, 1991), na qual há múltiplas circunscrições espaciais determinando o recorte, permitindo produzir um conhecimento da Baixada do Glicério a partir de seus níveis mais elementares. Assim, pretendo acompanhar alguns frequentadores da *academia* em outras práticas cotidianas pelo bairro, assim como pela cidade, visitando locais de moradia, lazer, trabalho, assim como outras instituições com as quais se relacionam.

De acordo com Loïc Wacquant, “o boxe oferece um prisma singular por intermédio do qual é possível chegar a uma compreensão das possibilidades estruturadas, percepções culturais e trajetórias individuais no interior dos bairros pobres” (Wacquant, 2000, p.127). Assim, à maneira deste autor, empenho-me na busca por tornar-me um aprendiz de boxe, experimentando esse processo de “iniciação a um ofício do corpo tanto mais reconhecido por sua simbólica heroica quanto desconhecido em sua realidade prosaica” (Idem, p.11), além de utilizar esta inserção em campo para me aproximar dos praticantes que habitam a região, possibilitando seguir suas redes, ou *sociabilidades alargadas*<sup>17</sup>, nos trajetos percorridos cotidianamente em outras atividades significativas. Assim, a presente pesquisa busca nos dar uma imagem mais próxima da realidade dos habitantes da Baixada do Glicério, bem como romper com imagens preestabelecidas a respeito dos diversificados corpos que circulam por suas ruas, para compreender melhor o próprio processo de construção do *pedaço*<sup>18</sup>, além de refletir sobre as particularidades da prática sócio-esportiva do boxe em uma *academia* inusitada, instalada em baixo de um viaduto no centro da cidade.

---

<sup>17</sup> Termo utilizado por Michel Agier (2011) para designar uma rede ampliada de relações, alcançada seguindo os atores sociais, a fim de se chegar a uma escala etnográfica que ultrapasse o espaço localizado da observação (porém sem nunca atingir uma totalidade).

<sup>18</sup> Categoria cunhada por Magnani (2012) para designar o lugar onde membros de um determinado grupo obtêm e repassam informações, encontram amigos, tecem alianças, fortalecem a rede de sociabilidade do grupo, participam do lazer, vivenciam os conflitos e, para quem é de “fora”, ao transitar nesse contexto, o faz de maneira circunspecta, tensa e dramática.

Portanto, pretendo proceder para além de uma análise dicotômica, que opõe o ringue à rua<sup>19</sup>, acenando para a hipótese de que o boxe praticado na Baixada do Glicério não é uma maneira de fugir das realidades da rua, nem uma *arma contra a delinquência*, mas sim uma maneira de conectar o próprio corpo ao *pedaço* e à própria cidade.

---

<sup>19</sup> Dualidade que permeia a obra de Wacquant (2002) e que acaba por reificar o gueto americano como local de desordem.

## BIBLIOGRAFIA

AGIER, Michel. “As cidades da antropologia: entrevista com Michel Agier”. In: *Revista de Antropologia*, v.53, n2, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, Miguel Vale (org). *Corpo Presente: Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora, 1996.

BÁLSAMO, Pilar U. “Migrações entre a Costa do Marfim e a Venezuela: local, global”. In: *Cartografias da imigração: interculturalidade e políticas públicas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. “Corpo & Cidade: coimplicações em processo”. In: *Revista UFMG*, v.19, n.1 e 2, Belo Horizonte, 2012.

CORDEIRO, Graça Í. “Antropologia urbana (em língua) portuguesa: entrevista com Graça Índias Cordeiro”. In: *Revista de antropologia*, v.57, n. 2, São Paulo, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

DAOLIO, J. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

DE LUCCA, Daniel. “A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua”. *Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social*. São Paulo, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

- FARIA, Cristina Pedroza de. *Corpos de ringue: Encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um projeto social, entre jovens moradores da Maré (RJ)*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 25 ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002.
- INGOLD, Tim. "Work, Time and Industry". In: *Time Society*, vol.4, n.5. 1995.
- MAGNANI, José Guilherme. "De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092002000200002&script=sciarttext>
- \_\_\_\_\_. "A rua e a evolução da sociabilidade". In: *Cadernos de História de São Paulo*, n.2, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- \_\_\_\_\_. "Etnografia como Prática e Experiência". In: *Horizontes Antropológicos*, n.32, Porto Alegre, 2009.
- MARCUS, George. "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século ao nível mundial". In: *Revista de Antropologia*, vol.34, 1991.
- MARQUES, Rafael Adriano. "Cidade Lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de *Parkour* em São Paulo". *Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social*. São Paulo, 2010.
- MAUSS, Marcel. "As técnicas do corpo". In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003[1935]:399-422.
- MELO, Victor de Andrade & VAZ, Alexandre F. "Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade". In: *ArtCultura*, v.8, n.12, Uberlândia, 2006.

OLIVEIRA FILHO, Pedro Pio A. “Ringues de Gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe”. *Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre*. Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Saulo; DOLL, Johannes. “O *Serious Leisure* de Robert A. Stebbins”. In: *Revista Licere*, vol.17, n.1, Belo Horizonte, 2014.

STEBBINS, Robert A. “Serious Leisure”. In: *A Handbook of Leisure Studies*. Palgrave MacMillan, New York, 2006.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. “Habitus como assunto e ferramenta: reflexões sobre tornar-se um boxeador”. In: *Estudos de Sociologia*, vol.2, n.17, Recife, 2011.

\_\_\_\_\_. “Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais”. In: *Mana*, vol.6, n.2, São Paulo, 2000.